

“Co-educação” de volta...

“Eles e elas aprendem melhor separados” era o título de uma extensa entrevista feita com um professor americano – David W. Chadwell – que foi publicada no número 354 da revista “Sábado”. Basicamente este professor defende que rapazes e raparigas aprendem melhor – ficam mais bem preparados e confiantes – se forem educados em escolas separadas por género.

Para as pessoas, entre as quais eu me incluo, que defendem a Inclusão na Educação este assunto merece uma reflexão. Vale a pena continuar a procurar a homogeneidade na escola? Rapazes para um lado, raparigas para o outro, alunos com deficiência para um lado, alunos sem deficiência para o outro, alunos ciganos para um lado, alunos não ciganos para o outro, etc. etc.? O assunto é extenso mas deixarei algumas opiniões que possam animar a discussão:

1. Antes de mais o autor chama a esta divisão de género “diferenciação”. Ora nós pensamos que diferenciar (por exemplo o currículo) é, proporcionar estratégias e eventualmente objectivos diferentes a alunos diferentes. Mas a diferenciação que o este autor propõe significa separar os alunos “à priori”, isto é, a diferenciação é feita não no ensino mas no recrutamento das escolas e das turmas. É uma ideia digamos, original, de diferenciação.
2. Antes, as escolas, eram separadas por género. (Ainda nos lembramos das escolas “centenário” terem de um lado escrito “sexo feminino” e “sexo masculino”). Quando se pensou acabar com esta divisão com base no género isso foi considerado um problema pedagógico. Apareceram então numerosos livros sobre “co-educação” que procuravam resolver os “grandes problemas” que se criariam com a educação conjunta de rapazes e raparigas. Esses livros estão hoje esquecidos porque rapidamente se verificou que afinal não existiam “grandes problemas” e a “co-educação” não era merecedora de tanta estranheza. Regressar a uma educação baseada no género é um anacronismo e retoma um debate que se mostrou não ter pertinência nem relevância.
3. Diz-se que os resultados académicos são melhores se rapazes e raparigas forem educados separadamente. Aqui está uma afirmação que suscita as maiores dúvidas: de que resultados académicos estamos a falar? De todas as áreas? Sob que tipo de ensino? Diferenciado? Uniforme? Em que idades, graus e matérias se verificam estes “melhores resultados”? E, se existem estas diferenças de aproveitamento, então elas devem servir para aprendermos como é que se ensinam os “piores” para chegarem a “melhores”, não para necessariamente para os separar.
4. Por hipótese meramente académica, vamos imaginar que sim, que os resultados académicos são melhores com escolas separadas. Mas... a escola é só resultados académicos? Não deve ser. A escola é uma estrutura complexa e retirar-lhe complexidade é empobrece-la. Por exemplo o que seria uma escola se fosse proibido qualquer conflito? Teria melhores resultados? E se tivesse, ainda assim a quereríamos?

Precisamos de escolas que saibam lidar e não eliminem a complexidade. Ser rapaz ou rapariga é certamente diferente (até porque a construção social de um e de outro é diversa) mas essa diferença está embutida em toda a sociedade e eliminá-la da escola infringe os direitos dos alunos de serem educados numa escola que efectivamente os prepare para uma vida em comum, solidária, capaz de negociação e capaz de reconhecer e aprender com as diferenças dos outros.

David Rodrigues

Presidente da Pró-Inclusão – Associação Nacional de Docentes de Educação Especial.

Ciclo “Falando com quem faz...”

Continuando a apostar nos momentos de partilha, na troca práticas e opiniões, no intercâmbio de saberes e conhecimentos, entre profissionais em Educação Especial, iremos realizar a **26 de Março** uma sessão do “Falando com quem faz”. O tema será “**Educação Inclusiva e Linguagem Aumentativa**” “. A sessão será dinamizada pela Dra. Helena Marques e o local de realização a Associação Nacional de Docentes de Educação Especial – Instituto Piaget - Pavilhão C -Sala 28 - Quinta da Arreinel de Cima, (Junto à estação do Pragal – FERTAGUS)

SUGESTÃO DE LEITURA e não só!....

O Instituto Nacional para a Reabilitação (INR), antigo Secretariado Nacional para a Reabilitação e Integração das Pessoas com Deficiência tem por objectivo a definição da política nacional de prevenção, habilitação, reabilitação e participação das pessoas com deficiência.

Com sede na Av. Conde Valbom, 63, em Lisboa, dispõe de uma biblioteca especializada na temática da prevenção, habilitação, reabilitação e participação das pessoas com deficiência, abrangendo áreas como Acessibilidade, Ajudas Técnicas/Tecnologias de Apoio, Integração/Reabilitação Profissional, Necessidades Educativas Especiais, entre outras.

Hoje damos particular destaque ao Manual elaborado pela ONU sob o título *Deficiências/Capacidades*, com o objectivo de apoiar os parlamentares nos seus esforços e iniciativas para implementar a Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, assinada pelo Estado Português em 2007 e ratificada em 2009. O referido manual pode ser descarregado consultando a página da internet (www.inr.pt).

Para que a **PIN-ANDEE** possa crescer na sua representatividade, acções e actividades necessitamos da sua participação.

ASSOCIE-SE!

Ser associado da **Pró-Inclusão: Associação Nacional de Docentes de Educação Especial** (PIN-ANDEE) só tem vantagens.

O pagamento da quota anual (35€ - não chega a ser 10 cêntimos por dia) engloba o envio quinzenal da *newsletter*, a entrega duas vezes por ano da revista “Educação Inclusiva”, a gratuidade ou redução na inscrição nas várias iniciativas levadas a cabo pela associação ou em parceria com outras instituições.

REGULARIZE AS SUAS QUOTAS!

www.proinclusao.com.sapo.pt

proandee@gmail.com